

OBJECTO DA PETIÇÃO

Ex.mos Srs.,

TAUROMAQUIA É CULTURA

Congratulamo-nos que através da aprovação do novo Estatuto da Região Autónoma dos Açores se possa localmente regulamentar os espectáculos taurinos. É uma forma de afirmar a Autonomia e defender as especificidades culturais de um povo que, estando isolado fisicamente no meio do Atlântico, nunca deixou de, por via dele, pertencer ao mundo.

A defesa da cultura taurina tem, forçosamente, de se fazer através do respeito pela integridade da Festa nas suas mais diversas manifestações. Popularmente através da tourada à corda, eruditamente através da defesa da integridade da Corrida em praça que se manifesta na sua vertente à portuguesa, com Cavaleiros e Forcados, e através da Corrida à espanhola com Matadores e Sorte de Varas.

A França fê-lo, resolveu as suas divergências culturais internas e tem hoje uma Festa de Toiros pujante e atractiva, que se manifesta na realização de diversos espectáculos anuais que atraem milhões de turistas, que mantém uma série de ganaderias na região da “Camarga”, que forma Matadores de Toiros, Picadores e Cavaleiros, ao mais alto nível mundial e que tem uma “aficion” culta e esclarecida.

A preservação do Toiro Bravo é em simultâneo a preservação de um meio ambiente ecologicamente sustentado e um garante da biodiversidade. É um animal cuja única finalidade da sua existência é a tauromaquia. Nas corridas de praça só pode ser lidado uma vez, sendo abatido, no matadouro, em Portugal, na arena, no resto do mundo, logo a seguir à corrida ou à lide. Sem corridas de toiros condenamos toda uma espécie à extinção.

Para perceber a própria Tauromaquia é imprescindível conhecer as especificidades deste extraordinário animal. É o único à face da Terra com a característica da bravura que é, resumidamente, um instinto agressivo e uma capacidade excepcional de combater com entrega total, combinando casta e “nobreza”, que será na verdade a ingenuidade suficiente para permitir aquilo que se denomina de *toreabilidade*, não deixando de ser um animal muito perigoso.

É a observação destas características que provocou desde os primórdios da Humanidade um grande fascínio pelo Toiro!

A sorte de varas faz parte da essência da corrida à espanhola, que se pratica desde sempre em Portugal, grande parte das vezes truncada nos seus aspectos fundamentais. Quando bem executada é das sortes mais empolgantes de uma Corrida de Toiros, pois é aí que este revela toda a sua essência de bravo, ao acometer repetidas vezes ao cavalo de picar. É a essência do toureio a pé, pois é ela que obriga o toiro a “humilhar” (investir com a cara baixa, não significando menos risco para os toureiros, pelo contrário) e com isso permite a execução das sortes com estética e plástica, no fundo a arte que esperamos ver em Tauromaquia.

É executada sobre o “morrilho” do toiro, uma zona adiposa abundante em vasos sanguíneos, mas sem grande sensibilidade nervosa. Esta acção permite não só aquilatar as qualidades do toiro, como também descomprimi-lo fisiologicamente através de um processo que qualquer cardiologista conhece como “sangria”. Recomendamos a leitura do trabalho notável da equipa chefiada pelo Prof. Dr. Juan Carlos Illera da Faculdade Complutense de Madrid e corroborado por cientistas americanos(!), que comprova que o toiro bravo, devido à produção de endorfinas naturais consegue bloquear, durante a lide e principalmente durante a sorte de varas e o tércio de bandarilhas, os receptores cerebrais da dor. Três segundos após ser estimulado pela “puya” o toiro tem todos os seus receptores de dor bloqueados!

Aqui temos outra constatação primordial em Tauromaquia, complementando a bravura, que é o facto de que a sua entrega (que se dá até aos limites das suas forças, esquecendo o seu próprio corpo – aquilo a que os antigos já conheciam por observação: “o Bravo cresce ao castigo”) afinal tem uma explicação científica: O Bravo combate incessantemente e repete ao castigo porque não lhe dói!

A Festa Brava está contextualizada nos Açores como Cultura, ninguém o pode negar, assim como se trata de uma actividade económica, com sustentabilidade própria. Esse aspecto traduz uma vitalidade que está muito mais além de ser apenas um factor de identidade de uns poucos. Prova acima de tudo que tem massa crítica para se manter e para se desenvolver.

Importa esclarecer uma questão que tem sido ventilada de uma forma absolutamente desonesta: os Açores não correm qualquer perigo em termos turísticos por causa da Sorte de Varas ou da própria Tauromaquia. Pelo contrário, existe a grande oportunidade de integrarmos o circuito das grandes Feiras Taurinas mundiais. Aliás, este significativo fluxo turístico não se reporta apenas aos naturais dos 8 países com tauromaquia, tem também imensos aficionados de outras paragens como Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Suécia, Holanda ou a Alemanha que todos os anos percorrem a França, Espanha ou a América Latina em busca das grandes Corridas de Toiros.

Isto é o que poderemos almejar se evoluirmos qualitativamente em termos tauromáquicos e é essa premissa que sempre tem guiado as nossas convicções e a nossa luta. Se queremos os Açores com a possibilidade de se destacar da mediocridade nacional e fazer parte deste circuito, então temos de permitir que o espectáculo se realize com respeito pela sua essência.

Atendemos ao caso de Olivença, cidade perdida na Extremadura espanhola disputada por Portugueses e Espanhóis e só por isso conhecida. Apostou forte na realização de uma feira de pré-temporada e é hoje um destino obrigatório de aficionados de todo o mundo. Só da Ilha Terceira este ano deslocaram-se cerca de 200 pessoas!

Com todo o respeito pelos movimentos anti-taurinos e reconhecendo o direito às suas pretensões, exigimos o direito constitucional à diferença, mesmo que seja de uma minoria(?) e lembramos que a Corrida de Toiros é um acto facultativo e pago pelo que só vai quem quer. Lembramos ainda que é um processo cultural milenar identificativo dos povos peninsulares e que contrariamente ao que é veiculado, com grande participação popular. Veja-se o interesse crescente despertado junto dos canais televisivos nacionais ao constatarem o real número de audiências.

Assim sendo, esperamos que a Assembleia Regional dos Açores enquanto órgão representativo da Região, saiba corrigir a afronta de que foi alvo no passado, quando se pronunciou sobre esta matéria e assim permitir a evolução qualitativa de um espectáculo que é vital para a afirmação da Terceira e dos Açores no panorama taurino e cultural mundial.